

LES HARKIS / 2022

um filme de Philippe Faucon

Realização: Philippe Faucon / **Argumento:** Samir Benyala, Philippe Faucon, Yasmina Nini-Faucon / **Fotografia:** Laurent Fénart / **Som:** Benoit de Clerck, Vincent Nouaille, Thomas Gauder / **Montagem:** Sophie Mandonnet / **Música:** Amin Bouhafa / **Figurinos:** Agnès Noden, Florence Scholtes / **Interpretação:** Théo Cholbi (Tenente Pascal), Mohamed El Amine Mouffok (Salah), Pietter Lottin (Tenente Krawitz), Yannick Choirat (Capitão Denoyelle), Omar Boulakirba (Si Ahmed), Medhi Mellouk (Sargento-chefe Hamid), Abassi Bouhalem (Pai Djilali), Alaeddine Ouali (Djilali), Maryam Barala (Mãe Djilali), Amine Zorgane (Kaddour), etc.

Produção: Istiqlal Films (França), Les Films du Fleuve (Bélgica) / **Produtores:** Philippe Faucon, Yasmina Nini-Faucon, Jean-Pierre & Luc Dardenne, Delphine Tomson / **Cópia:** DCP, cor, 82 minutos, versão original legendada em inglês e com legendas eletrônicas em português / **Estreia Mundial:** 19 de maio de 2022 (Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes) / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Entre as várias guerras da independência nas antigas colônias europeias em África, a da Argélia é provavelmente a que terá sido mais vezes tratada pelo cinema, alimentando ainda hoje pontualmente a produção francesa e argelina em obras que, na ficção e no documentário, continuam a revisitar esse passado histórico comum aos dois países (inevitavelmente reflectindo também as questões que marcam o presente político e social de cada um deles).

Resultado das suas próprias circunstâncias biográficas, Philippe Faucon tem sido um nome importante nesse regresso cinematográfico aos “acontecimentos da Argélia” (eufemismo com que no início da guerra os políticos e os media franceses se referiam à violenta sublevação que arrancou a colónia argelina de quase 150 anos de dominação pela França). Nasceu em Marrocos, em 1958, filho de um soldado francês e de uma mãe “pied noir” (nome depreciativo dado aos filhos de franceses nascidos na Argélia), tendo vivido parte da infância entre esse país e a Argélia. Se toda a sua carreira de realizador foi feita a partir de França, Faucon não deixou de alimentar grande parte da sua obra da memória directa e indirecta desse património não apenas familiar, mas comum a largos estratos da sociedade francesa e com marcas que se prolongam até hoje através da forte presença nela da emigração magrebina. Se nalguns dos seus melhores filmes situados no França contemporânea, Faucon tem sido um analista inteligente e sóbrio da permanente tensão entre a incorporação e a rejeição dos ideais e valores de uma França laica e “moderna” por uma comunidade com uma forte tradição cultural e religiosa (**Samia**, 2000, **La désintégration**, de 2011, **Fatima**, de 2015), noutros tem procurado igualmente trazer para a compreensão mais profunda das raízes desses fenómenos a questão do pesado legado da guerra da independência da Argélia, pela forma como esse conflito dilacerou de forma irreversível a identidade nacional do país que dela saiu. Em particular nos dois filmes que mais explicitamente abordaram a guerra da Argélia e que formam o que é para já um díptico informal - **La trahison** (2005) e este **Les harkis** -, Faucon (re)constrói essa história a partir de um ponto de vista que troca qualquer veleidade de uma

visão global e “objectiva” de factos históricos amplamente documentados (mesmo que deles decorram leituras ideológicas muito diferentes pelos sujeitos em conflito nessa história e dos seus descendentes contemporâneos) por uma muito mais interessante abordagem das contradições geradas pelo próprio processo histórico nas vivências dos indivíduos e ele sujeitos. Estranhamente ausentes da exibição portuguesa (nenhum estreou por cá e são muito raras as passagens em festivais de cinema nacionais), os filmes de Philippe Faucon correspondem a uma sólida segunda linha da produção francesa, mas terão contra si a ausência de um estilo muito saliente e uma ancoragem vincadamente realista das suas narrativas, evocando toda uma tradição cinematográfica que porventura estará hoje demasiado fora de moda para os gostos do dia.

Les harkis centra-se então numa das companhias de soldados argelinos que combateram ao lado do exército francês (são eles os “harkis”) contra os seus compatriotas da Frente de Libertação Nacional (FLN) – elemento que já tinha sido o centro de **La trahison** -, mostrando através das várias trajectórias dos seus homens o modo como a guerra foi capaz de colocar em lados opostos os elementos de uma mesma comunidade devido à sua instrumentalização pelo colonialismo francês até ao seu último estertor. Divididos entre a violência da revolução e a violência da dominação francesa, os soldados de **Les harkis** são meros peões de um jogo que não controlam e que acabará por os devorar com a aceitação pela França da independência da Argélia em 1962 e conseqüente abandono dos elementos argelinos do exército francês e das respectivas famílias à sua sorte. Um dos maiores méritos de **Les harkis** será o de recusar qualquer simplificação maniqueísta. O seu amargo e lúcido retrato, isento de um julgamento moral que escolhesse claramente o lado dos patriotas que lutam pela libertação contra os que alinharam ao lado do inimigo francês, permite compreender a natureza esquizofrénica do país durante a guerra e a sombra que essa “mancha” lançará sobre os períodos seguintes da fratricida história da Argélia. Esta condição oscilante entre dois extremos – o dos reticentes “colaboracionistas” e o dos implacáveis revoltosos - terá a sua melhor encarnação no percurso do soldado do FLN capturados pelos “harkis” numa das primeiras cenas do filme: da revolta à colaboração vai um pequeno passo (ainda mais sublinhado, mas sem qualquer ironia, quando ele retoma o seu antigo papel de rebelde, mas agora enquanto agente duplo do exército francês).

Sem reiterar os códigos clássicos do filme de guerra, **Les harkis** usa mesmo assim algumas das suas figuras e da sua iconografia habitual para delas melhor se distanciar (nesse sentido é mais um filme “sobre” a guerra do que um “filme de guerra”), com a quase completa ausência de música, de efeitos de montagem (num filme de planos fixos) e de cenas de guerra (reduzida a dois ou três combates dados de forma bastante económica). Recusado o espectáculo da guerra ficamos assim apenas com a violência da guerra na sua crueza e na sua negação que qualquer humanidade. O choque da abertura do filme, com a cabeça degolada de um *harkis* entregue à porta da casa dos seus pais, não define o tom dominante de um filme que a partir daí se resguarda bastante de qualquer assomo mais melodramático, mas serve como aviso para a dor e para o abismo moral que esta (ou qualquer outra) guerra encerra.

Nuno Sena